

Fonte: [https://biblicalstudies.org.uk/pdf/eternity/07\\_10\\_06.pdf](https://biblicalstudies.org.uk/pdf/eternity/07_10_06.pdf)

Publicado originalmente em *ETERNITY*, outubro de 1956, volume 7, n° 10, páginas 6-7, 38-40.

## A verdade sobre o adventismo do sétimo dia

Walter R. Martin<sup>1</sup>

Parte 1: Seu desenvolvimento histórico a partir das raízes cristãs

O adventismo do sétimo dia, como movimento religioso, surgiu do grande “Despertar” do segundo advento que abalou o mundo religioso em meados do século XIX.

Durante esse período específico de desenvolvimento teológico, a especulação relativa ao segundo advento de Jesus Cristo foi galopante no continente europeu e não demorou muito antes do esquema profético europeu de interpretação atravessar o Atlântico e penetrar os círculos teológicos americanos.

Baseada principalmente nos livros de Daniel e Apocalipse (ambos apocalípticos), a teologia do advento tornou-se um tópico de conversa discutido em jornais e em periódicos teológicos; em resumo, o estudo escatológico do Novo Testamento competiu subitamente com as cotações atuais do mercado de ações pelo espaço da primeira página e as "setenta semanas", "mil e trezentos dias" e “A abominação da desolação” (ver Daniel 8-9) tornou-se assunto comum de conversação.

Seguindo a cronologia do arcebispo Ussher e interpretando os mil e trezentos dias de Daniel como anos literais, muitos estudantes da Bíblia de várias religiões concluíram que Cristo voltaria perto ou por volta do ano de 1843. Dentre os estudiosos desses números havia um William Miller, Ministro batista e morador de Low Hampton, Nova York, que chegou na data final, 22 de outubro de 1844, como o tempo em que Jesus Cristo retornaria para Seus santos e anunciaría o juízo sobre o pecado, culminando no estabelecimento do Reino de Deus na terra.

O grande movimento do segundo advento, que varria os Estados Unidos particularmente no início dos anos 1840, surgiu das atividades de William Miller, que ensinou com confiança, a partir do ano de 1818, que em “aproximadamente” vinte e cinco anos a partir dessa data, ou seja, 1843, Jesus Cristo voltaria novamente, ou, como o próprio Miller colocou, “Fui assim trazido em 1818 ao final de meu estudo de dois anos das Escrituras até a solene conclusão de que em cerca de vinte e cinco anos a partir desse momento, todos os assuntos do nosso estado atual seriam encerrados.”<sup>2</sup>

Para que alguém que esteja lendo os vários relatos da ascensão do Millerismo nos Estados Unidos chegue à conclusão injustificada de que Miller era um “maluco” e uma ferramenta sem instrução de Satanás, os seguintes fatos devem ser conhecidos: O grande despertar do advento que atravessou o Atlântico da Europa foi reforçado por uma tremenda onda de estudos bíblicos contemporâneos, e embora o próprio Miller não tivesse educação, havia literalmente dezenas e dezenas de estudiosos e interpretações proféticas, tanto na Europa como nos Estados Unidos, que defendiam a visão de Miller antes de ele próprio anunciar; e, na realidade, ele era apenas mais uma voz proclamando o cumprimento de

Daniel 8:14 em 1843/1844, ou o período de dois mil e trezentos dias supostamente datado de 457 d.C e terminando em 1843/1844.

William Miller nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em 15 de fevereiro de 1782, e enquanto ainda era criança pequena sua família se mudou em Low Hampton, Nova York, perto do estado de Vermont. Miller foi criado por uma mãe profundamente religiosa, mas apesar de seu zelo por sua conversão, o próprio Miller finalmente se tornou um infiel, e somente depois experiência de uma busca pela alma que culminou em sua conversão, ele começou sua preparação para o ministério na Igreja Batista. Muitos livros foram escritos sobre William Miller e a ascensão do movimento milerita, mas, segundo o conhecimento deste escritor, nenhum deles acusou Miller de motivos verificáveis de ser desonesto ou enganoso em sua interpretação profética da Escritura. Na verdade, ele sempre gozou de reputação entre todos que o conheciam como honesto, sincero, homem cristão. Não é necessário endossar os erros do Millerismo e seus registros bíblicos de definição de datas, portanto, em respeito à figura histórica de William Miller, pois independentemente de suas deficiências, o próprio Miller era um cristão profundamente religioso e se ele tivesse o benefício de uma compreensão mais ampla das Escrituras, provavelmente nunca teria embarcado em sua carreira de marcar datas.

É evidente que, embora Miller tenha popularizado o conceito de Cristo de voltando em 1843/1844, ele estava longe de ficar sozinho; se desprezarmos Miller, também devemos resistir a toda uma série de estudiosos internacionalmente conhecidos alguns dos melhores do mundo, mas que tinham um "ponto cego" na interpretação profética e, portanto, endossaram o sistema milerita interpretativo de cronologia. Foi o Senhor Jesus Cristo quem disse: "Ninguém sabe a hora do meu retorno", e em outro momento o Mestre declarou claramente que não nos foi dado, aos Seus seguidores, conhecer os tempos e as estações do ano "que o Pai colocou em seu próprio poder". Isso deveria ter sido suficiente para deter os mileritas de sua busca imprudente em definir uma data para volta do Senhor, mas, infelizmente, eles persistiram em suas especulações cronológicas e sofreram tremenda humilhação, ridículo e desespero abjeto.

De acordo com as interpretações proféticas de William Miller, ele havia estabelecido o tempo para o provável retorno do Senhor em algum lugar entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844<sup>3</sup> e com o tempo aproximou-se um frenesi religioso que abalou o mundo milerita - o Senhor estava voltando!

Por mais zelosos que os seguidores de Miller fossem e fossem terrivelmente sinceros em sua fé, eles devem ter sofrido uma grande decepção enquanto o ano judaico "1843" desaparecia com o tempo e Senhor não veio. A percepção de que o sonho mais próximo de seus corações não havia se materializado afundou na consciência dos mileritas desiludidos, a palavra de William Miller foi avidamente procurada e, com sua honestidade característica, logo foi ouvida. Escreveu Miller à sombra da angústia espiritual: "Se eu vivesse minha vida novamente, com as mesmas evidências que eu tinha na época, para ser honesto com Deus e com o homem, faria o que fiz. Embora os opositores tenham dito que isso não aconteceria, eles não produziram argumentos pesados. Era evidentemente um trabalho de adivinhação com eles; e então pensei, e penso agora, que a negação deles se baseava mais na falta de vontade da vinda do Senhor do que em qualquer argumento que levasse a essa conclusão. Confesso meu erro e reconheço minha decepção; no entanto, ainda acredito que o dia do Senhor está próximo, mesmo às

portas; e exorto-vos, meus irmãos, a serem vigilantes e a não deixar que esse dia chegue de surpresa.<sup>4</sup>

No rastro dessa declaração impressionante de seu líder, os mileritas se esforçaram em vão para conciliar a interpretação profética das Escrituras a que eles aderiram com a dura realidade do fato de que Cristo não havia voltado novamente. E com um último suspiro, por assim dizer, Miller com relutância endossou o que passou a ser conhecido historicamente como “O Movimento do Sétimo Mês”, ou a crença de que Cristo viria em 22 de outubro de 1844, o décimo dia do sétimo mês, de acordo com o cálculo do calendário sagrado judaico.<sup>5</sup> Novamente as esperanças dos mileritas foram levantadas, e 22 de outubro de 1844 se tornou o novo grito de guerra do retorno do Senhor Jesus Cristo. O resultado do “Movimento do Sétimo Mês” pode ser melhor resumido nas palavras do Dr. Josiah Litch, um dos líderes do movimento milerita, que de sua casa na Filadélfia escreveu em 24 de outubro estas palavras: “É um dia nublado e escuro aqui - as ovelhas estão espalhadas - o Senhor ainda não veio.”<sup>6</sup>

Pela afirmação de Litch, é uma questão simples reunir a estrutura psicológica dos mileritas após essas duas decepções. Eles foram pessoas despedaçadas e desiludidas - Cristo não veio para purificar o santuário, anunciar o julgamento e trazer o mundo em sujeição ao “evangelho eterno”. Em vez disso, o céu físico estava nublado e escuro, e os horizontes históricos eram negros com o fracasso do movimento milerita. Aquela foi, compreensivelmente, uma terrível confusão, da qual Deus, a Escritura nos diz, não é o autor.

A fase final do movimento milerita terminou então com o “Grande Desapontamento” de 1844, e quando os mileritas começaram a se desintegrar como um movimento surgiram gradualmente outros grupos (adventistas do primeiro dia etc.), mas em nosso estudo estamos preocupados principalmente com três segmentos distintos que mais tarde se uniram em uma fusão indissolúvel produzindo a denominação adventista do sétimo dia como a conhecemos hoje. William Miller, deve-se notar, *nunca* foi adventista do sétimo dia e confessou que não tinha “nenhuma confiança” nas “novas teorias” que emergiram das desordens do que era anteriormente o movimento milerita. Dr. LeRoy Froom, do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, no quarto volume de sua série magistral *A Fé Profética De Nossos Pais* declara sucinta e exatamente qual era a posição de Miller. Escreveu o Dr. Froom: “Miller se opôs abertamente as vários novas teorias que se desenvolveram após 22 de outubro de 1844, em um esforço para explicar o desapontamento. Ele lamentou o chamado que havia sido dado para sair das igrejas, e ele nunca aceitou as posições distintas dos sabatistas. A doutrina do sono inconsciente dos mortos e a destruição final dos ímpios não era, ele sustentou, parte da posição milerita original, mas foi apresentada pessoalmente por Storrs e Litch. Ele até mesmo negou a aplicação de uma parábola em *The Midnight Cry* ao movimento do sétimo mês e acabou chegando ao ponto de declarar inequivocamente *[sic]* que o movimento não era ‘um cumprimento de profecia em nenhum sentido’.”<sup>7</sup>

A teologia de William Miller, então, exceto por sua especulação cronológica, diferia das interpretações teológicas adventistas do sétimo dia destas três maneiras distintas: Miller negou o Sábado do sétimo dia, a doutrina do sono inconsciente dos mortos e a aniquilação final dos ímpios - todas essas doutrinas mantidas pela denominação adventista do sétimo dia. Ele também diferia teologicamente no sentido de que ele nunca se apegou ao “dia da expiação” e à “investigação” das teorias do juízo”, desenvolvidas pelos adventistas do

sétimo dia. Para William Miller, a era da especulação cronológica tinha terminado, e ele morreu logo depois, um homem quebrado e desiludido que foi, no entanto, honesto e franco quando cometeu um erro ou ao repudiar um erro, e não pode haver dúvida honesta de que ele agora desfruta da presença do Senhor de quem tão ansiosamente esperou.

Voltamos agora aos três ramos ou grupos que eventualmente se uniram para formar a denominação Adventista do Sétimo Dia, pois é importante que o leitor compreenda os antecedentes da história e teologia adventista do sétimo dia.

Cada um dos três grupos mencionados possuía uma doutrina distinta. O grupo liderado por Hiram Edson, no oeste de Nova York, proclamou a doutrina do santuário “como abraçando um ou ministério final de Cristo no Santo dos Santos no santuário celestial, dando assim novo significado para a mensagem: 'Chegou a hora do julgamento de Deus'”. O segundo grupo, liderado por Joseph Bates, com os principais seguidores em Massachusetts e New Hampshire, defendeu a característica do sábado ou a observância do sétimo dia “como envolvido na guarda dos mandamentos de Deus.” O terceiro grupo enfatizou o "espírito de profecia" ou o testemunho de Jesus, que eles acreditavam ser manifesto na "igreja remanescente" (Apoc. 14: 6-12, também Apoc. 12:17 e 19:10), ou “o último segmento da igreja de Deus dos séculos.” Entre os anos de 1844 e 1847, o pensamento desses grupos se cristalizou e foi ativamente declarado e promulgado nos escritos de seus respectivos líderes, Hiram Edson, ORL Crosier, Joseph Bates, James White e Ellen G. White.

Embora o nome “denominação adventista do sétimo dia” não tenha sido oficialmente assumido até 1860, em uma conferência realizada em Battle Creek, Michigan, o adventismo do sétimo dia havia nascido, e em 1855 a sede do movimento foi centralizada em Battle Creek, onde permaneceu até 1903, quando a sede nacional foi transferida para Washington, DC.

As três doutrinas distintas do adventismo do sétimo dia, que foram enumeradas anteriormente, serão discutidas juntamente com outros no segundo e terceiro artigos desta série sobre o Adventismo do Sétimo Dia, então, neste momento, omitiremos qualquer discussão sobre elas. No entanto, os adventistas tinham uma plataforma teológica definida, que ao longo dos anos variou pouco, mas que em anos relativamente recentes passou por uma evolução muito definida em direção a uma abordagem mais direta da declaração relativa aos princípios da fé cristã histórica, especialmente porque são incorporadas no campo da teologia cristã ortodoxa. Esses assuntos, como indicado anteriormente, discutiremos em nosso segundo e terceiro artigos.

Como é o caso da maioria dos movimentos religiosos, uma personalidade extraordinária geralmente domina toda a história do grupo e o adventismo do sétimo dia não é exceção a essa regra. A personalidade dominante do adventismo do sétimo dia era Ellen G. White, uma das figuras mais fascinantes que aparecerão no horizonte da história religiosa, de caráter polêmico cuja memória e trabalho foram elogiados alternadamente pelos adventistas e condenados por seus inimigos desde os primeiros anos da história do movimento. Ellen Gould Harmon nasceu em Gorham, Maine, em 1827, e foi criada por metodistas devotos frequentando a igreja em Portland. A Sra. White, no início de sua experiência religiosa, ficou conhecida como uma pessoa incomum, pois ela testemunhou certas “revelações”, que ela acreditava ter recebido do céu, e aos dezessete anos de idade abraçou a fé adventista dos mileritas. <sup>8</sup>

Embora a Sra. White, após seu casamento com James White, um proeminente líder adventista, eventualmente exerceu uma tremenda influência sobre o pensamento dos adventistas do sétimo dia - e faz até hoje através de seus escritos prolíficos - ela nunca alegou ser infalível em questões de inspiração; ou, como o Dr. Froom colocou: "Ela não reivindicou nem aceitou o papel de infalibilidade, que é muito diferente da inspiração, ou a influência do espírito de Deus sobre o espírito do servo submisso e mensageiro. Como os profetas da antiguidade, ela recebeu iluminação e aplicou a verdade e deu orientação a seus irmãos na fé. Ela não reivindicou o título de profeta, preferindo ser chamada de 'mensageira' e 'serva de Deus'".

O escritor leu extensivamente nas publicações da denominação adventista do sétimo dia e quase todos os escritos de Ellen G. White, incluindo seus testemunhos, e se sente livre para afirmar que não há dúvida de que a Sra. White era uma mulher cristã "nascida de novo" que verdadeiramente amou o Senhor Jesus Cristo e que se dedicou irremediavelmente à tarefa de ser testemunha dEle como ela se sentia guiada. Deve-se entender claramente que em alguns pontos ortodoxos a teologia cristã e as interpretações da sra. White não concordam; de fato, em alguns lugares elas são diretamente opostas, mas nas doutrinas cardeais da fé cristã necessárias para a salvação da alma e o crescimento da vida em Cristo, Ellen G. White nunca escreveu qualquer coisa que fosse seriamente contrária às simples e claras declarações do evangelho. Pode-se discordar da interpretação da Sra. White sobre a expiação e o bode expiatório; alguém pode desafiar sua ênfase no sábado do sétimo dia, reforma da saúde e condição de imortalidade, etc.; mas ninguém pode contestar seus escritos com base em sua conformidade com os princípios básicos do evangelho, pois eles certamente estão!

Muitos críticos do adventismo do sétimo dia assumiram *a priori* - principalmente dos escritos de detratores adventistas profissionais como EG Jones - que a Sra. White era uma temível ogra que devorou todos os que se opunham, e nunca pararam de dizer que os adventistas do sétimo dia acreditam que ela é infalível, apesar da posição oficial publicada da denominação, que declara o contrário a essas versões. Para citar a posição denominacional oficial: "Os escritos de Ellen G. White não são a fonte de nossas exposições. Derivamos nossa fé das Escrituras e nossas interpretações de todas as profecias foram estabelecidas antes da Sra. White falar ou escrever sobre elas. Mantemos seus escritos no mais alto nível e acreditamos que o Espírito Santo iluminou sua mente ao escrever esses conselhos para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A conformidade deles com os fatos bíblicos, históricos e científicos é realmente notável que sentimos, mas nunca os colocamos em paridade com as Escrituras, como alguns acusam falsamente."

Além desta declaração, o seguinte comentário de representantes da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, que é o corpo governante e a voz do Adventismo do Sétimo Dia em todo o mundo, afirma claramente a posição denominacional relativa a Ellen G. White: "Os adventistas do sétimo dia uniformemente acreditam que o cânon da Escritura terminou com o livro do Apocalipse. Afirmamos que todos os escritos e ensinamentos devem ser julgados e estão sujeitos à Bíblia, que é independente e única como fonte e norma de nossa fé cristã. Não consideramos que Ellen G. White esteja na categoria dos escritores do cânone das Escrituras. Seus escritos são considerados pelos adventistas como contendo conselhos especiais de Deus a respeito da religião pessoal e da conduta de nosso trabalho denominacional. Essa parte dos seus escritos que podem ser classificados como previsão, na verdade, formam um segmento muito pequeno. E mesmo

quando ela lida com o que está por vir na terra, suas declarações são apenas amplificações da profecia bíblica. Ela não assumiu o título de profeta, mas simplesmente mensageira do Senhor 'Reivindicar ser um profeta é algo que eu nunca fiz... mas meu trabalho cobriu tantas linhas que não posso me chamar de outra forma que não seja uma mensageira enviada para transmitir uma mensagem do Senhor'.”<sup>9</sup>

Embora seja verdade que os adventistas do sétimo dia apreciem a Sra. White e seus escritos com grande estima, a Bíblia é sua única regra de fé e prática. Nós, como irmãos cristãos, podemos discordar violentamente de sua atitude em relação à Sra. White, mas nada que ela tenha escrito sobre as doutrinas essenciais à salvação ou à vida cristã a caracterizaria de alguma maneira como sendo diferente de um cristão em todos os sentidos do termo.

DM Canright,<sup>10</sup> em seus dois livros sobre Ellen G. White, entrou em grandes detalhes críticos baseados após sua associação precoce e conhecimento pessoal com a Sra. White, e muitos dos pontos que Canright faz do ponto de vista de uma opinião pessoal, ninguém é capaz de desafiar pela simples razão de que ninguém nunca teve material de origem suficiente para questionar a análise do irmão Canright. Depois de ler DM Canright, EB Jones e todos os principais trabalhos sobre o Adventismo do sétimo dia impresso nos Estados Unidos e na Europa nos últimos cinquenta e sete anos, o escritor também é incapaz de determinar se os julgamentos de Canright em relação à Sra. White são 100% válidos.

Se o leitor estiver seriamente interessado em uma comparação das duas posições, ele deve ler O livro de D. Nicol, *Ellen G. Wright and Her Critics*<sup>11</sup> e compará-lo com os volumes de Canright, *The Life of Mrs. E. G. White*<sup>12</sup> e *Seventh-day Adventism Renounced*,<sup>13</sup> no final dos quais o leitor é livre para se decidir sobre o caráter e o trabalho de Ellen G. White. Para este escritor como estudante de religiões comparadas, é irrelevante se a Sra. White como pessoa foi ou não na verdade, tudo o que os irmãos Canright ou Nicol proclamam. Afinal, ela nunca alegou infalibilidade para si mesma e, portanto, refutar Ellen G. White como pessoa ou teologicamente certamente não é refutar o adventismo do sétimo dia em si, pois existem escolas de interpretação dentro do movimento adventista do sétimo dia que discordam das interpretações de Ellen G. White em alguns pontos, e é significativo notar que seus escritos não são um teste de comunhão na denominação! Enfatizamos que a *Review and Herald* destaca a seguinte declaração: “Portanto, não testamos o mundo de nenhuma maneira por esses dons. Também, em nossas relações com outros órgãos religiosos, que estão se esforçando para andar no temor de Deus de qualquer forma, fazemos deles um teste de caráter cristão”.<sup>14</sup>

Outro fato significativo é que James White, três vezes presidente da Associação Geral dos adventistas do sétimo dia, ao falar sobre o trabalho de sua esposa, declarou expressamente que “Os adventistas, no entanto, não fazem da crença neste trabalho um teste da comunhão cristã”.<sup>15</sup> FM Wilcox, que por trinta e cinco anos foi editor da *Review and Herald*, jornal da denominação da igreja adventista, escreveu: “Na prática da igreja, não era costume desassociar algéém porque ele não reconheceu a doutrina dos dons espirituais.... Um membro da igreja não deve ser excluído da comunhão da igreja devido à sua incapacidade de reconhecer claramente a doutrina dos dons espirituais e sua aplicação ao movimento do segundo advento.”<sup>16</sup>

Hoje, a denominação adventista do sétimo dia conta com mais de um milhão em todo o mundo, opera um total de quarenta e duas editoras e produz literatura em mais de duas centenas de idiomas, enquanto publica mais de trezentos periódicos, que incluem cursos por correspondência, lições da Escola Sabatina etc. Nos cursos de estudo da Bíblia, sobre a *Voz da Profecia*, seu programa oficial de rádio denominacional, os adventistas inscreveram mais de três milhões de pessoas, e o *Signs of the Times*, seu jornal semanal, tem uma circulação de mais de um milhão de cópias por mês.

Além de sua tremenda propaganda impressa, os adventistas se destacaram em trabalhos médicos no campo missionário e nos Estados Unidos e possuem numerosos hospitais e centros de saúde, de excelentes reputações.

Não podemos esperar cobrir todo o escopo do desenvolvimento histórico adventista do sétimo dia em um artigo deste comprimento. No entanto, já foi demonstrado o suficiente para indicar claramente que, desde o início escasso após o grande desapontamento de 1844 e o colapso do movimento milerita, a denominação adventista do sétimo dia avançou e se expandiu até hoje, constituindo um importante segmento do protestantismo americano. Sua teologia será o assunto de nosso próximo artigo.

#### *Notas*

1. O autor foi diretor de Cult Apologetics da Zondervan Publishing House, editor colaborador da *E TERNITY Magazine* e membro da equipe da Fundação Evangélica na Filadélfia.
2. Francis D. Nicol. *O clamor da meia-noite*. (Washington, DC, Review and Herald) 1944. Página 35.
3. Francis D. Nicol. *O clamor da meia-noite*. (Washington, DC, Review e Herald). 1944. Página 169.
- Sylvester Bliss. *Memórias de William Miller*. (Boston: JV Himes). 1853. Página 256.
5. Francis D. Nicol. *O clamor da meia-noite*. (Washington, DC, Review e Herald). 1944. Página 243.
6. Francis D. Nicol. *O clamor da meia-noite*. (Washington, DC, Review e Herald). 1944. Página 263.
7. LeRoy Froom. *A fé profética de nossos pais*. (Washington, DC Review e Herald). 1946. Pages 828-829
8. EG White. *Esboços da vida de James White e Ellen G. White*. (Battle Creek: Publicação Adventista do Sétimo Dia Associação). 1880, 1888. Páginas 64-68.
9. De *Review and Herald*, vol. 83, n. 30, 26 de julho de 1906, página 8.
10. Um ex-líder adventista de grande magnitude e amigo pessoal por muitos anos de Ellen G. White. Ele deixou-o e tornou-se ministro batista e escreveu muito contra a IASD. Suas críticas sobre onde eles se relacionam com o Sábado, sono da alma, aniquilação dos ímpios, a doutrina do santuário, o julgamento investigativo, o espírito de profecia, como manifestado na Sra. White, e a reforma da saúde na IASD são frequentemente bem tomadas; por mais que mudaram desde os dias de Canright e seu trabalho deve ser visto à luz da atual teologia da IASD.
11. FD Nicol. *Ellen G. Wright e seus críticos*. 1951
12. DM Canright. *A vida da Sra. EG White*. 1919
13. DM Canright. *Renunciado o adventismo do sétimo dia*. 1914
14. De *Review and Herald*, vol. 35, n. 9 de fevereiro de 1870.
15. De *Review and Herald*, vol. 37, n. 26, 13 de junho de 1871, página 205.
16. Francis M. Wilcox (1865-1951) *O testemunho de Jesus*. Páginas 141 e 143.

Reproduzido em 2008, Alliance of Confessing Evangelicals, Filadélfia, PA. Todos os direitos reservados.